



A mulher na Igreja e na sociedade: a procura pelo direito de ‘ser’

A woman in the Church and in society:
a search for the right to ‘be’

*Francilaide Queiroz Ronsi**

Recebido em: 02/03/2020. Aceito em: 23/04/2020.

Resumo: *A emersão da mulher na sociedade e na Igreja torna inevitável e urgente uma reflexão a partir da necessidade de reconhecer e de preservar a sua dignidade como ser humano, o seu direito à vida e a sua condição como coparticipante na construção de uma Igreja justa e solidária. Dessa forma, o presente texto aborda o resgate da colaboração de Maria, a mãe de Jesus, na vida das mulheres; a denúncia da violência contra as mulheres na sociedade brasileira e a responsabilidade da Igreja nesse contexto; a necessidade de uma hermenêutica da vida de Jesus, a partir dos seus encontros com as mulheres de seu tempo; e as contribuições do Papa Francisco para o avanço no aprofundamento da contribuição das mulheres no ambiente eclesial. Todo esse percurso nos permitiu acreditar que a espiritualidade cristã é capaz de humanizar as relações, e de livrá-las de tudo que impede cada pessoa ser ela mesma.*

Palavras-chave: *Mulher. Dignidade. Ser.*

Abstract: *The emersion of women in society and in the Church makes it inevitable and urgent to reflect on the need to recognize and preserve their dignity as a human being, their right to life and their condition as a participant in the construction of a just and supportive Church. Thus, the text addresses Mary's collaboration, the mother of Jesus, in the lives of women; the denunciation of violence against women in Brazilian society and the Church's responsibility in this context; the need for a hermeneutics of Jesus' life based on his encounters with the women of his time; and Pope Francis' contributions to the development of women's contribution in the ecclesial environment. This whole journey has allowed us to believe that Christian spirituality is capable of humanizing relationships and of freeing them from everything that prevents each person from being themselves.*

Keywords: *Woman. Dignity. To be.*

* Doutora em Teologia (Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2014). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2009). Graduada em Teologia (Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, 2007).
E-mail: francilaideronsi@hotmail.com



Introdução

Não é uma tarefa fácil pensar sobre o lugar da mulher na sociedade e na Igreja, em especial para o tempo presente, mas é importante que o façamos. Por isso, dentre muitos caminhos que poderíamos trilhar para desenvolver esse tema, escolhemos refletir sobre as dificuldades que as mulheres enfrentam pelo direito de ‘serem’ na Igreja e na sociedade. Ao longo do tempo, as mulheres vêm enfrentando na sociedade uma dura luta pelo respeito à sua dignidade, pelo reconhecimento do seu potencial e, arduamente, pelo simples direito de viver.

A Igreja, como uma instituição marcada pelo tempo e pela história, retomou, desde o Concílio Vaticano II (1962-1965), a urgente necessidade de ler o tempo presente e entender a mudança que, naquela época, já despontava com a emersão do feminino em vários âmbitos da sociedade.

Deixando-se interpelar por esse movimento, optamos por começar a pensar esse tema a partir de Maria, a mãe de Jesus. Nessa parte de nosso texto, realizaremos o resgate do significado dessa presença na vida das mulheres, desde a Anunciação e o cântico do *Magnificat* até a cruz do seu Filho, onde ela se solidariza com os homens e mulheres de todos os tempos.

Em seguida, abordaremos a questão da luta da mulher pelo seu direito de viver e de ser, simplesmente uma mulher, a partir da sociedade brasileira. E, por ser considerado um país cristão católico, refletiremos sobre a ação da Igreja, diante de um contexto com altos índices de violência. Em seguida, apresentaremos, a partir de alguns encontros, o modo como Jesus se relacionou com as mulheres de seu tempo.

E, como resposta à necessidade de acolher e valorizar a emersão das mulheres na Igreja, na penúltima parte de nossa reflexão, procuraremos em algumas falas do Papa Francisco sobre as mulheres o que a Igreja tem a nos dizer. Finalmente, queremos propor a espiritualidade cristã como possibilidade para colaborar na humanização das relações humanas.

1 Maria, a mãe de Jesus, e as mulheres hoje

Começar a nossa reflexão a partir de Maria, a mãe de Jesus, nos permitirá reencontrar as razões pelas quais ela é considerada um modelo para as mulheres. Em um lindo cântico, o *Magnificat* (cf. Lc 1,46-55),



tecido pelos fios de toda a História do Povo de Deus, Maria exalta Deus narrando as maravilhas que por Ele foram realizadas nela, no mundo e no seu povo. No *Magnificat*, o “espelho da alma de Maria”¹, a espiritualidade dos pobres de Javé e o profetismo da Antiga Aliança encontram o seu cume.

Segundo Afonso Murad, nesse cântico destacam-se alguns aspectos da identidade de Maria: a sua fé, a sua gratidão a Deus e a abertura de sua interioridade, com uma percepção real de si mesma (Lc 1, 46-50); o seu profetismo, quando proclama a vinda do Reino de Deus e a sua ação transformadora nas relações sociais, onde a grandeza de Deus se revela em se fazer próximo dos que são excluídos (Lc 1,51-53); e a sua consciência histórica que, quando recorda a ação de Deus e sua fidelidade a partir da promessa de Abraão, mantém seus olhos abertos sobre o mundo e enxerga a dinamicidade da realidade (Lc 1,54-55)². O seu comprometimento com a realidade e a sua voz profética são fundamentais na recuperação da identidade da mulher e de seu valor para a Igreja.

À vista disso, é importante termos presente que Maria, a mãe de Jesus, tem muito a nos dizer como mãe, mulher e discípula. Ela foi e ainda é a interlocutora do Pai em seu projeto, foi o primeiro membro no discipulado de seu Filho, foi peregrina na fé e, como mulher livre e forte, emergiu e emerge como mãe, amiga e companheira. Ela, com os olhos voltados para a necessidade de todos, ajuda a manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade que devem distinguir os discípulos de seu Filho³. Segundo a teóloga Lina Boff, “através do Espírito Maria dá a Deus seu modo de ser feminino para que os traços do feminino de Deus sejam encontrados nas muitas ‘Marias’ da vida cotidiana”⁴. Maria nutre a esperança por uma sociedade humana e justa.

E assim, no evento salvífico temos uma mulher, e pelo seu sim, Deus se uniu à humanidade, para sempre, em Jesus. É o que nos diz

¹ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, III, 1979, Puebla. *Conclusões da Conferência de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. Puebla 279.

² MURAD, Afonso Tadeu. *Maria, toda de Deus e tão humana: Compêndio de mariologia*. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2012. p. 72.

³ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. *Documento de Aparecida: texto conclusivo*. 7. ed. Brasília: CNBB, 2008. DAp. 266 e 272.

⁴ BOFF, Lina. *Mariologia: Intepelações para a vida e para a fé*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2019. p.46



o apóstolo Paulo, na carta aos Gálatas, ao assegurar que “ao chegar a plenitude dos tempos, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher” (Gl 4,4). E, no Evangelho segundo João, afirma-se que “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). O Verbo assume a natureza humana, nasce de uma mulher. Aqui encontra-se o ponto culminante e definitivo da autorevelação de Deus à humanidade. É nessa mulher, e por meio dela, que se realiza o evento salvífico.

A mulher está no coração deste evento salvífico desde o momento da Anunciação. No encontro com o anjo, o diálogo que se desenvolve dá-se a partir de sua realidade como pessoa de fé, como uma mulher diante de sua vontade e de seus sonhos. Ela quer compreender, mesmo que ainda de forma limitada, o que está acontecendo. Por isso, diante de uma escuta atenta, as suas perguntas são cuidadosamente acolhidas (cf. Lc 1,31-38).

No diálogo com o anjo, por meio de sua resposta, “o Verbo se fez carne” (Jo 1,14), Maria estabeleceu uma união com Deus que supera todas as expectativas humanas. Nesta vida, neste corpo, Deus vem ao encontro de Maria e encontra uma pessoa, uma história, uma memória, uma vontade. Ela é, segundo Afonso Murad,

mais do que terra vazia à qual vem o Espírito de Deus para criar. É mais do que um templo ou tabernáculo onde a nuvem de Deus se torna visível. Maria é uma pessoa, e o seu encontro com Deus deve ser tematizado a partir de sua realidade pessoal: a presença do Espírito em Maria implica uma série de traços de diálogo interpessoal e liberdade, de chamado e resposta, de amor e de obediência⁵.

A sua resposta à ação do Espírito não pode ser vista como uma atitude individualista e espiritualista, pelo contrário, ela se torna profetiza da justiça e da misericórdia de Deus na história: apesar de estar entregue à vontade do Senhor, “longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante, foi uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e dos oprimidos e derruba dos seus tronos os poderosos do mundo” (cf. Lc 1,51-53)⁶, leva Lina Boff a afirmar que “a ação de Maria e a ação do Espírito se misturam para produzirem uma só manifestação histórica”⁷.

⁵ MURAD, 2012, p. 87.

⁶ PAULO VI. *Exortação Apostólica Marialis Cultus*. São Paulo: Paulinas, 1974. MC 37.

⁷ BOFF, Lina. 2019, p. 70.



Ela rompeu com o paradigma de uma experiência religiosa passiva que ao longo de décadas era vivida, para inserir-se na nova proposta libertadora de vida, em seu Filho Jesus. Em uma entrega que tem seu fundamento no mais profundo do seu ser, no seu querer e no seu desejo, na sua entrega generosa a Deus, onde ela uniu liberdade com vontade.

1.1 Maria e o resgate do feminino eclesial

É importante para a Igreja recuperar essa experiência vivida por Maria porque isto permitirá resgatar o que foi revelado no cântico o *Magnificat*. Maria, como verdadeiro modelo de discípula que promove a justiça, liberta os necessitados, é testemunha daquele amor ativo que constrói Cristo nas almas. Assim é um modelo

*para os que não aceitam passivamente as circunstâncias adversas da vida pessoal e social, nem são vítimas da alienação, como se diz hoje, mas que proclamam, com ela, que Deus 'exalta os humildes' e, se for o caso, 'derruba os poderosos de seus tronos'**.

A partir do reconhecimento dessa experiência, vivida por Maria, é possível acolher a mulher que emerge como um sujeito eclesial capaz de oferecer à Igreja e à sociedade uma contribuição indispensável. Sem esquecer que, com esse novo sujeito eclesial feminino, emerge em paralelo às conquistas e lutas das mulheres que procuram romper com uma histórica realidade de submissão, de negação de seus direitos e de sua dignidade como pessoa em vários âmbitos da sociedade, como no ambiente de trabalho e na família.

O processo vivido pelas mulheres no contexto eclesial tem características próprias, inicia-se com a tomada de consciência de sua dignidade como batizada, como Povo de Deus⁹, que assume como meta o Reino de Deus que deve ser construído na comunhão, na caridade e na verdade.

Esta nova forma de presença é uma preciosa contribuição para todo o Povo de Deus. A sua emersão como sujeito eclesial permite novos traços para o rosto da Igreja, mais suaves e revigorantes em um tempo marcado pelas incertezas, pelas oscilações e pela racionalidade. Assim sendo, experiência religiosa feminina, vivida a partir do que move o

⁸ JOÃO PAULO II. *Homilia no santuário de Nossa Senhora de Zapopán*, 30 jan. 1979.

⁹ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. Petrópolis: Vozes, 1969. LG 9 a 13.



mais profundo do ser humano, assim como viveu Maria, revela-se como um caminho novo, onde possa haver inclusão e não oposição entre racionalidade e sensibilidade, desejo e rigor, eficiência e gentileza, força e ternura. Aqui encontramos as expressões desse novo rosto eclesial.

Isso posto, em uma realidade de violência e medo que marcam a vida da mulher latino-americana, Maria, a mãe de Jesus, cuja função materna dilatou-se, adquirindo com o seu Filho dimensões universais, continua ao lado de tantas mulheres. Aquela que permaneceu de pé diante da cruz de seu Filho, solidariza-se com todas as mulheres em suas conquistas e sofrimentos. Maria é testemunha da coragem e da esperança de que essas mulheres são portadoras ao proporem para a Igreja e à sociedade uma nova maneira de ser e de estar no mundo, cada vez mais integrada, integradora e libertadora.

2 A mulher e a sua luta para sobreviver na sociedade

Não nos é possível falar sobre as mulheres sem estarmos atentos às situações de violências em que elas se encontram, desde as estruturas sociais, culturais, econômicas, religiosas, de ambiente familiar até os relacionamentos afetivos.

A Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher mostra que a violência contra as mulheres revela-se de diversas formas, sendo conceituada “qualquer ato ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada”¹⁰. E, em um contexto marcado pelas desigualdades sociais, econômicas e de gênero que geram violências e discriminações, que apresentam algumas consequências que estão muito presentes, tais como: tráfico de mulheres, prostituição forçada, casamento infantil, violência doméstica, assédio sexual entre outras.

Essas violências que evidenciam questões sociais e jurídicas também acarretam problemas de saúde pública porque afetam a sua saúde

¹⁰ Também conhecida como Convenção de Belém do Pará, foi aprovada em 09 de junho de 1994, no âmbito da Organização dos Estados Americanos. In: CIDH. *Convenção Interamericana Para Prevenir, Punir E Erradicar A Violência Contra A Mulher*. Belém do Pará, 1994. Art. 1º. Disponível em: <<http://www.cidh.org/Basicos/Portugues/m.Belem.do.Para.htm>>. Acesso em: 09 fev. 2020.



física e mental. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), as consequências das violências são profundas, uma vez que comprometem, além da saúde e da felicidade individual, o bem-estar de comunidades inteiras¹¹.

Infelizmente, não sendo uma realidade nova, a violência contra as mulheres acontece em qualquer camada social e corre o risco de ser banalizada e de passar despercebida na sociedade se não houver uma compreensão de que qualquer tipo de violência deve ser entendido como uma violação da dignidade do ser humano, da ética e do respeito aos Direitos Humanos.

Um dos instrumentos mais importantes para o enfrentamento da violência doméstica e familiar contra as mulheres no Brasil é a Lei Maria da Penha – Lei nº 11.340/2006¹². Esta norma, além de definir e tipificar as formas de violência contra as mulheres, também prevê a criação de serviços especializados na área da segurança pública, com a criação das Delegacias de Atendimento à Mulher. Mas, lamentavelmente, a conquista dessa lei não impediu o avanço da violência contra as mulheres no território nacional.

A estatística dessa violência consta do Relatório das Nações Unidas (ONU) Mulheres, de 2017, onde destaca que “a América Latina é considerada o local mais perigoso do mundo para as mulheres, fora de uma zona de guerra”¹³. Nessa região, o feminicídio, assassinato provocado, apenas, pelo fato de a vítima ser mulher, atingiu a marca de nove mortes por dia. O Brasil concentrou 40% desses assassinatos com, aproximadamente, três mortes por dia. Em 2019, tivemos 1.349 mortes de mulheres por feminicídio no país, segundo pesquisa do Monitor da

¹¹ OPAS. BRASIL. *Folha Informativa – Violência contra as mulheres*. Novembro de 2017. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820>. Acesso em: 04 fev. 2020.

¹² BRASIL. *Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm>. Acesso em: 09 fev. 2020. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.

¹³ UN WOMEN. *Facts and figures: Ending violence against women*. Disponível em: <<https://www.unwomen.org/es/what-we-do/ending-violence-againstwomen/factsandfigures#notes>>. Acesso em: 04 fev. 2020.



Violência, taxa esta que corresponde a 7,3% a mais que a registrada em 2018¹⁴. Muitas mulheres são submetidas a todo tipo de violência. Elas morrem por serem quem são: mulheres.

E, ainda sobre a violência contra as mulheres, em um panorama mais geral, segundo o Atlas da Violência do IPEA de 2019, “houve um crescimento dos homicídios femininos no Brasil em 2017, com cerca de 13 assassinatos por dia, o maior número registrado desde 2007”¹⁵. O que se exige é o direito de poder “ser” enquanto mulher, no respeito de sua dignidade, no reconhecimento de que o

*enfrentamento às múltiplas formas de violência contra as mulheres é uma importante demanda no que diz respeito a condições mais dignas e justas para as mulheres. A mulher deve possuir o direito de não sofrer agressões no espaço público ou privado, a ser respeitada em suas especificidades e a ter garantia de acesso aos serviços da rede de enfrentamento à violência contra a mulher.*¹⁶

Em paralelo a essa informação, pesquisas apontam a América Latina como a região que tem a maior população católica do mundo, ou seja, congrega 40% do total¹⁷.

Considerado um país cristão, o Brasil tem a maior presença católica da América Latina, com 64,6% de sua população identificando-se como seguidora dessa religião, mesmo que seja comprovada a multiplicidade de pertencas religiosas e de espiritualidades, segundo o Censo do IBGE de 2010¹⁸. A partir dessa realidade, é inevitável que nos questionemos sobre o lugar da experiência religiosa, cristã, diante do crescimento da violência contra as mulheres. Tendo em vista que a sociedade brasileira,

¹⁴ G1. Monitor da Violência. *Mesmo com queda de mortes, Brasil tem alta em feminicídios em 2019*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/03/05/mesmo-com-queda-recorde-de-mortes-de-mulheres-brasil-tem-alta-no-numero-de-feminicidios-em-2019.ghtml>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

¹⁵ CERQUEIRA, Daniel et al. *Atlas da Violência 2017*. Rio de Janeiro: IPEA, junho de 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2020.

¹⁶ OBSERVATÓRIO DE GÊNERO. *Enfrentamento de todas as formas de violência contra as mulheres*. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/areas-tematicas/violencia>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

¹⁷ PEW RESEARCH CENTER. *Religion in latin America*. Disponível em: <<https://www.pewforum.org/2014/11/13/religion-in-latin-america>>. Acesso em: 04 fev. 2020.

¹⁸ IBGE. *Censo Demográfico de 2010*. Características de religião. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>>. Acesso em: 06 fev. 2020.



marcada por essa experiência religiosa, tornou-se palco de uma cruel estatística de violência, em que a maioria dos casos registrados acontece dentro de um ambiente familiar, constata-se a necessidade de que o discurso religioso e a sua prática possam colaborar mais na correção das assimetrias nas relações de gênero.

Uma reflexão sobre gênero torna-se fundamental no ambiente religioso, procurando-se, com isso, evitar que vidas sejam ceifadas e que o verdadeiro sentido da experiência religiosa cristã seja deturpado por incompreensões que adoecem as relações sociais e familiares.

Cabe-nos lembrar que o Documento final de Puebla nos alerta para a necessidade e a urgência de ser superado, na América Latina, “o machismo que ignora a novidade do cristianismo, onde se reconhece e se proclama a ‘igual dignidade e responsabilidade da mulher em relação ao homem’”¹⁹.

Dessa forma, faz-se imprescindível para a experiência religiosa uma hermenêutica da vida de Jesus que seja capaz de proporcionar aos fiéis a sensibilidade para que as suas relações sejam pautadas na igualdade, na equidade e na justiça, e assim viver a certeza de que não há diferenças entre homens e mulheres que permitam a superioridade de um sobre o outro.

É importante que a Igreja assuma a sua responsabilidade diante da violência contra as mulheres, já exigida no Documento de Puebla, quando alerta que na América Latina e Caribe “é urgente escutar o clamor, muitas vezes silenciado, de mulheres que são submetidas a muitas formas de exclusão e de violência em todas as suas formas e em todas as etapas de suas vidas”. E finaliza reafirmando que “é urgente que todas as mulheres possam participar plenamente na vida eclesial, familiar, cultural, social e econômica, criando espaços e estruturas que favoreçam maior inclusão”²⁰.

Portanto, o que se espera diante desse contexto é uma tomada de decisão que seja justa e coerente com a forma que viveu Jesus, que em nenhum momento discriminou uma mulher, mas a defendeu diante da superioridade masculina de sua época, e que colocou o serviço e a compaixão no centro das relações humanas. Uma vez que, assumindo a

¹⁹ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, III, 2004, Puebla n. 453.

²⁰ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, III, 2004, Puebla n. 454.



sua responsabilidade, a Igreja possa afirmar que a mulher é a imagem e semelhança de Deus, que ela não é, apenas, igual aos homens, mais que ambos são iguais aos olhos de Deus, portadores da mesma dignidade.

3 Jesus e as mulheres

A proposta da mensagem e a da vida de Jesus permite o reconhecimento da dignidade da mulher, tantas vezes relevada por meio de uma relação sempre respeitosa, transparente e equitativa com as mulheres de seu tempo, estão animando as mulheres de hoje a buscarem uma participação mais efetiva na comunidade eclesial.

João Paulo II, em *Mulieres Dignitatem* expressava que:

Cristo se constituiu, perante os seus contemporâneos, promotor da verdadeira dignidade da mulher e da vocação correspondente a tal dignidade. Nos ensinamentos de Jesus, assim como no seu modo de se comportar, não se encontra nada que reflita a habitual discriminação da mulher; própria do tempo; pelo contrário, suas palavras e suas obras expressam sempre o respeito e a honra devidos à mulher²¹.

Nessa direção, o Papa Francisco em suas Catequeses, de 15 e 22 de abril de 2015, nos fala da necessidade da mulher ser ouvida:

Com efeito, é necessário que a mulher não seja só mais ouvida, mas que a sua voz tenha um peso real, uma autoridade reconhecida tanto na sociedade como na Igreja. O próprio modo como Jesus considerava a mulher num contexto menos favorável que o nosso, porque naquela época a mulher ocupava realmente o segundo lugar, e Jesus considerou-a de uma maneira que lança uma luz poderosa, que ilumina um caminho que vai longe, do qual percorreremos apenas um breve trecho. Ainda não entendemos em profundidade aquilo que nos pode proporcionar o génio feminino, o que a mulher pode oferecer à sociedade e também a nós: a mulher sabe ver tudo com outros olhos, que completam o pensamento dos homens. Trata-se de uma senda que devemos percorrer com mais criatividade e audácia²².

²¹ JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Mulieris Dignitatem*. São Paulo: Paulinas, 2000. n. 12.

²² FRANCISCO, PP. *Catequeses nos dias 15 e 22 de abril de 2015*. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150415_udienza-generale.html>.



Dessa forma, os encontros vividos por Jesus com a diversidade de mulheres nos permitem antever o novo tempo que se descortina com a redescoberta de sua dignidade, da humanidade feminina. Nos Evangelhos destacam-se as mulheres que estavam doentes ou que padeciam de algum sofrimento físico, como foi o caso daquela que estava com “um espírito que a mantinha enferma, andava encurvada e não podia de forma alguma endireitar-se” (Lc 13,11), Jesus a chama de “filha de Abraão”, título que, em toda a Bíblia, só havia sido atribuído aos homens; a sogra de Pedro que estava “de cama com febre” (Mc 1,30); e a que “sofria de um fluxo de sangue” (Mc 5,25-34). Todas foram curadas, e a hemorroíssa foi por ele louvada pela sua grande fé (cf. Mc 5, 34).

Algo de surpreendente acontece no encontro com uma mãe que era cananeia e pedia a cura para sua filha (cf. Mt 15, 21-28). Ele se deixa interpelar e se abre ao diálogo, sensibiliza-se com a sua realidade e reconhece que o “pão” é direito de todos, para além de Israel. Ele exulta de alegria porque o Pai revelou estas coisas a uma mulher pobre e desprezada, sofrida e excluída: “Oh, Mulher! Grande é tua fé. Seja feito como queres!” (Mt 15, 28). E, pela única vez nos Evangelhos, Jesus faz o contrário do que havia dito.

No encontro com as mulheres que eram consideradas pecadoras, temos a samaritana que lhe abre o coração, descobre quem é Jesus e parte para anunciá-lo (cf. Jo 4,7-27). A mulher que era tida como uma pecadora pública invade a casa de um fariseu, unge os seus pés e dele recebe o perdão de todos os seus pecados (cf. Lc 7,37-47). E aquela que é surpreendida em adultério e, colocada diante de Jesus, encontra-se com alguém que revela conhecer a dignidade de todos os seres humanos e o seu valor aos olhos de Deus, e dele recebe o perdão (cf. Jo 8,3-11).

Jesus conversa com as mulheres sobre questões que naquele tempo lhes era negado o direito de manifestação ou mesmo de ouvir e falar. No seu encontro com a samaritana, Jesus, por exemplo, conversa com ela sobre os mistérios mais profundos de Deus, o dom infinito do seu amor, sobre Deus ser Espírito e de como deve ser feita a Ele a verdadeira adoração. E, lhe revela ser Ele o Messias prometido de Israel (cf. Jo 4,26). O que Jesus revela às mulheres em seus encontros, sobre Deus e sobre o Reino, vai adquirindo uma autêntica compreensão e uma ressonância em suas vidas, desde o seu coração e sua mente.

Por conseguinte, amigo de Lázaro e de suas irmãs, Marta e Maria, Jesus vive dois momentos bastante significativos. O primeiro, quando



visita os amigos, ele fica admirado com a atitude de Maria quando escolheu ficar “sentada aos seus pés, escutando sua palavra” (Lc 10,39). Na postura de Maria, encontramos alguém que é livre diante do que era imposto às mulheres. Ela rompe com os padrões culturais e religiosos de sua época porque essa postura não era permitida às mulheres, apenas aos homens, diante de seu mestre. Jesus surpreende a todos quando a acolhe e diz “que Maria encontrou a melhor parte” (Lc 10,42).

No segundo momento, Marta, diante da morte de seu irmão, revela o quanto a sua amizade com Jesus lhe tornou conhecedora do coração do Mestre, pois ela tinha certeza da união de Jesus com o Pai, quando lhe disse: “sei que tudo o que pedires a Deus, ele te concederá” (Jo 11,22). E, assim, acreditou antes mesmo de o milagre acontecer, professando a sua fé: “sim, Senhor, eu creio que és o Cristo, o Filho de Deus que há de vir ao mundo” (Jo 11,27). Esses distintos momentos com Maria e Marta revelam a relação de profunda amizade que as duas irmãs tinham com Jesus; que de diferentes formas, deixavam-se tocar por ele.

Jesus, então, ao longo de sua vida, morte e ressurreição teve a companhia constante de várias mulheres. Pois são as mulheres que vão ao sepulcro e o encontram vazio, narra Mateus (cf. Mt 28), enquanto João destaca o encontro de Maria Madalena com Jesus ressuscitado, como primeira testemunha e anunciadora dessa notícia para todos (cf. Jo 20,11-18). Em todo caso, ambos os textos apresentam a mulher como presença constante na vida, morte e ressurreição de Jesus.

Os vários momentos de encontros revelam a profundidade da relação vivida por Jesus com as mulheres. Essa convivência transformou as suas vidas, pois estava ancorada na força da verdade e do amor que emanaram do toque, das palavras, do silêncio, dos gestos e do olhar de Jesus em todos os encontros, e, dessa relação, tornaram-se testemunhas e anunciadoras de sua capacidade transformadora. Ele as reconhecia em sua individualidade, era capaz de acolher a diversidade de experiências que cada uma era capaz de viver, as valorizava e, por elas, era atingido em sua vida e missão.

Ele restaura, nessas mulheres, a sua dignidade de filhas de Deus e devolve-lhes um lugar na sociedade. Dessa forma, o seu comportamento denuncia a situação vivida por essas mulheres no âmbito religioso e social, e o que era considerado como padrão androcêntrico e patriarcal do que é ser e de como deve viver a mulher ganha um novo sentido a partir do seu modo de agir. As mulheres, que com ele se encontram,



reconhecem a si mesmas, sentem-se libertas e restituídas em sua dignidade como ser humano.

A mudança nas relações entre homens e mulheres tem seu primeiro impacto positivo quando algumas dessas mulheres começam a seguir Jesus, a ajudar os Apóstolos (cf. Lc 8,1-33; Mc 15,40-41), e quando, também, assumem lugares de liderança entre os demais (cf. Rm 16). Constata-se, portanto, que a presença das mulheres na missão de Jesus se dá em todo o percurso de sua vida. Elas o acompanham até ao calvário e ficam de pé diante de sua cruz. Enquanto seus Apóstolos, exceto João (cf. Jo 19,25-26), se escondem com medo, elas demonstram coragem.

4 A inevitável reflexão sobre o lugar da mulher na Igreja

Durante séculos de história da Igreja, a mulher que sempre teve uma presença majoritária, entretanto, oculta e silenciosa, era considerada importante para a manutenção da vida eclesial e para a propagação do Evangelho como executora de tarefas, não como alguém que pudesse participar em ações decisórias e ser considerada como uma coparticipante, por meio de uma atuação mais efetiva na construção da experiência eclesial. Até o momento em que João XXIII, na convocação para o Concílio Vaticano II, provocou a Igreja a reconhecer a necessidade de ler os “sinais dos tempos”, tornou-se inevitável para a Igreja entender e acolher o papel da mulher na sociedade.

Em seu discurso, na conclusão do Concílio Vaticano II, falando para as mulheres, Papa Paulo VI disse: “mas a hora vem, a hora chegou, em que a vocação da mulher se realiza em plenitude, a hora em que a mulher adquire, na cidade, uma influência, um alcance, um poder jamais conseguidos até aqui”²³. O que foi dito neste momento histórico para a Igreja, que já vislumbrava as conquistas das mulheres no mundo, foi um caminho sem volta para a Igreja como para a própria mulher, que não pode mais retroceder.

Torna-se cada vez mais evidente que a conscientização da mudança de época em que estamos imersos, que requer um novo dinamismo missionário, exige uma mudança de mentalidade. E essa realidade se

²³ PAULO VI. Conclusão do Concílio Vaticano II. *Mensagem às mulheres*, 08 dez. 1965.



confirma, pois “as reivindicações dos legítimos direitos das mulheres, a partir da firme convicção de que homens e mulheres têm a mesma dignidade, colocam à Igreja questões profundas que a desafiam e não se podem iludir superficialmente”²⁴.

Nesse caminho segue o Papa Francisco, com a sua insistência em provocar uma reflexão *ad intra* na Igreja. Segundo ele, esse “é um desafio que não se pode mais adiar”²⁵. Desde o início de seu pontificado, ele questiona:

*Qual é a presença da mulher? Sofro — digo a verdade — quando vejo na Igreja ou em determinadas organizações eclesiais que o papel de serviço — que todos nós temos e devemos ter — da mulher diminui para uma função de servidumbre. Não sei se se diz assim em italiano. Compreendeis-me? Servidão. Quando vejo mulheres que desempenham tarefas de servidumbre, não se entende qual é o papel que a mulher deve desempenhar. Qual é a presença da mulher na Igreja? Pode ser valorizada em maior medida?*²⁶

Anteriormente a esses questionamentos, o Papa Francisco já apontava a necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre como a mulher é tratada na Igreja: “tem de haver algo mais, é preciso fazer uma profunda teologia da mulher”²⁷.

Já se passaram sete (07) anos entre essas falas, com alguns avanços desde então, como por exemplo, em algumas ações concretas encontramos: a nomeação, em 12 de julho de 2016, de **Paloma García Ovejero, jornalista, como vice diretora da Sala de Imprensa do Vaticano, a primeira mulher a ocupar esse cargo até 31 de dezembro de 2018**. E, nesse mesmo ano, no mês de agosto, foi criada a “*Comissão de Estudo sobre o Diaconato das Mulheres*”. Essa Comissão, que teve os seus trabalhos encerrados em 2018, sendo então relançada em 2019, durante o Sínodo para a Amazônia.

A Comissão Pontifícia para a América Latina, reunida no Vaticano, realizou sua Assembleia Plenária Anual nos dias 06 e 07 de março de 2018, sob o tema: A mulher, pilar da edificação da Igreja e da sociedade

²⁴ FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 86; EG 104.

²⁵ FRANCISCO, PP. *Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura*, 07 fev. 2015.

²⁶ FRANCISCO, PP. *Pontifício Conselho para os Leigos*, 12 out. 2013.

²⁷ FRANCISCO, PP. *Entrevista*, 29 jul. 2013.



na América Latina, onde refletiu sobre a presença da mulher na vida da Igreja. O Documento final da Assembleia afirma que:

A abertura às mulheres deve proceder da nossa visão de fé e da conversão, que olha para o futuro com esperança, a partir do Evangelho de Jesus, que demonstrou 'liberdade', respeito e uma extraordinária capacidade de reavivar a chama do amor e da doação pessoal em muitas mulheres que ele encontrou em sua vida pública²⁸.

A referida Comissão sugeriu a realização de um sínodo da Igreja universal sobre o tema das mulheres na vida e na missão da Igreja e afirma que as Igrejas locais deveriam ter a “liberdade e a coragem evangélica para denunciar todas as formas de discriminação e opressão, violência e exploração sofridas pelas mulheres em diversas situações” e “incluir o tema da sua dignificação, participação e contribuição na luta pela justiça e a fraternidade, dimensão essencial de evangelização”²⁹.

O Papa Francisco está empenhado em trazer ao debate a visibilidade das mulheres na Igreja, pois é chegado o momento em que “as mulheres se sintam não hóspedes, mas plenamente partícipes das várias esferas da vida social e eclesial”³⁰. Uma vez que o papel público das mulheres foi considerado um ‘sinal dos tempos’ para a Igreja, nada poderá substituir a novidade dessa realidade. Logo, faz-se necessário, “ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja”, e “deve ser garantida a presença das mulheres também no âmbito do trabalho e nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais”³¹.

Na Igreja e na sociedade as mulheres não devem ser vistas apenas pelo que podem executar, mas sim pelo que realmente são, pela dignidade que lhe é constituída como imagem de Deus. Nessa perspectiva, o Papa Francisco adverte: “explorar as pessoas é um crime de lesa humanidade, é verdade, mas explorar uma mulher é mais do que isso: significa destruir a harmonia que Deus quis proporcionar ao mundo”. Ou seja, “destruir, não é apenas um delito, um crime: é uma destruição, significa voltar para trás, destruir a harmonia”³². Uma harmonia que deverá estar pautada no

²⁸ COMISSÃO PONTIFÍCIA PARA A AMÉRICA LATINA. *Assembleia Plenária*. 2018.

²⁹ COMISSÃO PONTIFÍCIA PARA A AMÉRICA LATINA, 2018.

³⁰ FRANCISCO, PP. *Na plenária do Pontifício Conselho para a Cultura*, 07 fev. 2015.

³¹ FRANCISCO, PP. 2003, p. 86, EG 103.

³² FRANCISCO, PP. *Capela da Casa Santa Marta*, 09 fev. 2017.



reconhecimento da igualdade e da diferença entre mulheres e homens, sob a perspectiva da reciprocidade na equivalência e na diferença entre ambos. Assim sendo, Francisco reafirma que

é indubitável que devemos fazer muito mais a favor da mulher, se quisermos dar nova força à reciprocidade entre homens e mulheres. Com efeito, é necessário que a mulher não seja só mais ouvida, mas que a sua voz tenha um peso real, uma autoridade reconhecida tanto na sociedade como na Igreja³³.

Dessa forma, mesmo diante de importantes passos dados até aqui, ainda se espera que os apelos do Papa Francisco sejam ouvidos e acolhidos em toda a Igreja, para que a reciprocidade, que surge como um novo paradigma para a relação entre homens e mulheres, tenha de fato uma efetiva ressonância no meio eclesial. Eis um desafio para a Igreja e a sociedade em todos os seus âmbitos, por exigir mudanças de atitudes, convicções e práticas que sejam capazes de transformações estruturais.

5 Uma espiritualidade capaz de transformar a realidade

Diante de todo o contexto apresentado, seja no que diz respeito ao ambiente eclesial ou da sociedade em geral, sobre a dificuldade que as mulheres encontram para exercerem o direito de “serem”, acreditamos que a espiritualidade cristã é capaz de transformar aquele que a vive e, como consequência, modificar suas relações humanas e o ambiente ao seu redor.

Dado que a experiência cristã sendo um projeto de divinização do ser humano, desde a sua mais profunda humanização, reconhece que a vida divina não pode existir onde a vida humana se vê ameaçada, limitada, humilhada ou deteriorada da maneira que for. Porque “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas por meio do encontro com um acontecimento, com uma pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”³⁴. Dessa forma,

a espiritualidade cristã diz respeito, portanto, ao agir do ser humano que se representa não como algo que depende de Deus, mas que encontra

³³ FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 15 abr. 2015.

³⁴ BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas est*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 7; DC 1.



Deus numa relação interpessoal. A ação divina se traduz como um convite e a humana como resposta a esse apelo, como um 'sim' dado a Deus³⁵.

Assim, a vida espiritual cristã é a vida no Espírito de Jesus, que se manifesta por meio do seu seguimento na construção do Reino de Deus, cujo princípio animador é o amor. Amor que transfigura toda a vida humana.

Quando o ser humano exerce a sua capacidade de amar se torna capaz de encontrar Deus nos outros seres humanos, de ver o que está por baixo da superfície e pressentir a presença do eu interior e inocente, que é sua imagem de Deus. É o amor que se faz humano por meio de Deus, que leva o ser humano à sua plenitude, tornando-o filho de Deus. O ser humano foi criado para viver em sociedade, pois o amor dos outros dá vida, e o amor ao próximo o leva à sua realização. Desta forma, “quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem”³⁶.

A realidade do amor está determinada pela relação que se estabelece entre as pessoas enquanto pessoas. Há que amar as pessoas não como objetos, mas amá-las como a si mesmo, pois, não nos tornamos plenamente humanos até nos darmos um ao outro, no amor³⁷.

No entanto, a subjetividade essencial para amar não diminui a realidade objetiva, mas a incrementa. O amor compromete o ser humano diante da relação com uma realidade objetivamente existente, porém precisamente por ser amor é capaz de salvar o abismo entre sujeito e objeto e entrar em comunhão com a subjetividade do ser amado³⁸.

Nesse sentido, para amar o próximo como pessoa, há que começar por outorgar-lhe sua própria autonomia e identidade, pois a vida consiste em aprender a viver de maneira autônoma, espontânea e livremente para que os demais também tenham reconhecidos a sua autonomia e a sua identidade. Esta é a base da relação filial com Deus: a relação sujeito-objeto tem que estar completamente excluída. Isso porque a relação que a pessoa tem consigo mesma e com os demais sofre a influência de como com Deus ela se relaciona.

³⁵ CATÃO, Francisco. *Espiritualidade cristã*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 32.

³⁶ FRANCISCO, 2003, p. 10; EG 9.

³⁷ MERTON, Thomas. *Amor e vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 28.

³⁸ MERTON, Thomas. *Humanismo cristiano*. Cuestiones disputadas. Barcelona: Editorial Kairós, 2000. p. 48.



Então, nesta experiência, o cristão torna-se capaz de deter-se diante da natureza e do cosmos e descobrir neles a presença do Deus vivo, de reconhecer na história, nos seres humanos a manifestação de Deus; torna-se capaz de viver e experimentar que, quanto mais unido a Ele, mais seu semelhante pode ser e, assim, torna-se incapaz de desprezar ou de diminuir os demais.

É certo que “toda a experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão; e qualquer pessoa que viva uma libertação profunda adquire mais sensibilidade face às necessidades dos outros”³⁹. O ser humano que alcança a integração do seu ser, não se encontra limitado pela cultura em que está inserido. Torna-se capaz de aceitar a toda a humanidade. Quem se abre a essa experiência transcende a si mesmo para alcançar uma unidade por cima de qualquer preconceito.

Essa espiritualidade vivida desde o encontro com Jesus, do seu discipulado, torna-se um sinal de vida cristã madura, por ser uma experiência que transforma o ser humano em amigo de Deus, que encontra, no mais íntimo de sua humanidade, a capacidade de amar que imprime nele a imagem e a semelhança de Deus.

Nessa imagem apoia-se a consciência da inigualável dignidade do ser humano, por causa de sua condição de excelência na criação e do desígnio que tem a sua vida para a comunhão com Deus. Ou seja, dizer que o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus quer dizer também que é chamado a existir “para” os outros, a tornar-se um dom. Pois, se ser pessoa é viver em relação com o outro, o viver “para” de cada um gera reciprocidade que é, antes de tudo, uma afirmação da pessoa. Ou seja, a identidade se define na sua relação com a alteridade.

Conclusão

Esse tema está muito longe de ter conclusões definitivas. Há muito ainda a ser refletido, vivido e dito por vários campos de pesquisa. Pois é certo que todos são responsáveis pela mudança. No entanto, diante do que aqui foi exposto, reconhecemos que as mulheres têm um longo caminho a percorrer na busca por seu direito de ‘ser’, embora tenham vislumbrado sinais de conquistas e observado, em alguns lugares, a

³⁹ FRANCISCO, 2003, p. 10, EG 9.



presença do desejo de mudança de comportamento e de mentalidade para que estruturas sociais e eclesiais sejam transformadas.

Maria, a mãe de Jesus, nutre a esperança por uma sociedade humana e justa. Nela é possível encontrar a capacidade que as mulheres têm para alargarem o seu coração e viverem com suas irmãs e seus irmãos, assim como é com Deus, uma relação de amizade, em que vontade e liberdade estejam unidas, e de ‘serem’ profetisas de um novo tempo.

Tendo em vista que estamos inseridos em uma sociedade marcada por inúmeras formas de violência contra as mulheres, a Igreja precisa assumir a sua responsabilidade por meio de decisões justas e coerentes com o que foi a vida de Jesus. O que torna urgente para a experiência religiosa uma hermenêutica da vida de Jesus que possa proporcionar aos fiéis a sensibilidade para que as relações sejam pautadas na igualdade, na equidade e na justiça.

Desde que o Papa João XXIII disse à Igreja que não se podia deixar de enxergar os “sinais dos tempos”, a necessidade de aprofundar a reflexão sobre o papel da mulher na Igreja se tornou inadiável. O Pontificado do Papa Francisco tem demonstrado interesse em não deixar passar despercebida a importância da realização desse aprofundamento no interior da vida eclesial. Segundo o Papa Francisco, faz-se urgente uma mudança de atitude diante da emergência feminina na Igreja, sugerindo a reciprocidade como paradigma para as relações entre as pessoas.

Por fim, apontamos a espiritualidade cristã como um caminho por superar o machismo, as relações de poder e de submissão com as mulheres na comunidade eclesial, em todos os seus segmentos, e na sociedade; por restaurar a imagem de Deus presente em cada pessoa; por compreender que só é possível ‘ser’ quando permite ao outro também ‘ser’; e por admitir que a identidade de uma pessoa se define na sua relação com a alteridade.

Referências

- BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus Caritas est*. São Paulo: Loyola, 2005.
- BOFF, Lina. *Mariologia: Interpelações para a vida e para a fé*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.



BRASIL. *Lei n. 11.340*, de 07 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 09 fev. 2020.

CATÃO, Francisco. *Espiritualidade cristã*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 32.

CERQUEIRA, Daniel et al. *Atlas da Violência 2017*. Rio de Janeiro: IPEA, FBSP. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2020.

CIDH. *Convenção Interamericana Para Prevenir, Punir E Erradicar A Violência Contra A Mulher*. Belém do Pará, 1994. Disponível em: <<http://www.cidh.org/Basicos/Portugues/m.Belem.do.Para.htm>>. Acesso em: 09 fev. 2010.

COMISSÃO PONTIFÍCIA PARA A AMÉRICA LATINA. *Conclusões e recomendações pastorais da Assembleia Plenária*. 2018. Disponível em: <<http://www.americalatina.va>>. Acesso em: 08 fev. 2020.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. Petrópolis: Vozes, 1969.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. *Documento de Aparecida: texto conclusivo*. 7. ed. Brasília: CNBB, 2008.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, III, 1979, Puebla. *Conclusões da Conferência de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

IBGE. Censo Demográfico de 2010. Características de religião. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>>. Acesso em: 06 fev. 2020

FRANCISCO, PP. *Audiência Geral*, 15 de abril de 2015. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2015/documents/papa-francesco_20150415_udienza-generale.html>. Acesso em: 04 fev. 2020.

_____. Capela da Casa Santa Marta, 9 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/>>



documents/papa-francesco-cotidie_20170209_mulher-harmonia-mundo.html>. Acesso em: 06 fev. 2020.

_____. *Catequeses* nos dias 15 e 22 de abril de 2015. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papafrancesco_20150422_udienza-generale.html>. Acesso em: 004 fev. 2020.

_____. *Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura*, 07 de fevereiro de 2015. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/february/documents/papa-francesco_20150207_pontificio-consiglio-cultura.html>. Acesso em: 06 fev. 20.

_____. *Pontifício Conselho para os Leigos*, 12 out. 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papafrancesco_20131012_seminario-xxv-mulieris-dignitatem.html>. Acesso em: 05 fev. 2020.

_____. *Entrevista*, 29 de julho de 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-conferenza-stampa.html>. Acesso em: 04 fev. 2020.

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.

G1. Monitor da Violência. *Mesmo com queda de mortes, Brasil tem alta em feminicídios em 2019*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/03/05/mesmo-com-queda-recorde-de-mortes-de-mulheres-brasil-tem-alta-no-numero-de-femicidios-em-2019.ghtml>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

JOÃO PAULO II. *Carta Apostólica Mulieris Dignitatem*. São Paulo: Paulinas, 2000.

_____. *Homília no santuário de Nossa Senhora de Zapopán*, 30 jan. 1979. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790130_messico-zapopan.html>. Acesso em: 09 fev. 2010.

MERTON, Thomas. *Amor e vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Humanismo cristiano*. Cuestiones disputadas. Barcelona: Editorial Kairós, 2000.



MURAD, Afonso Tadeu. *Maria, toda de Deus e tão humana: Compêndio de mariologia*. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2012.

OBSERVATÓRIO DE GÊNERO. *Enfrentamento de todas as formas de violência contra as mulheres*. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/areas-tematicas/violencia>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

OPAS. BRASIL. *Folha Informativa – Violência contra as mulheres*. Novembro de 2017. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820>. Acesso em: 04 fev. 2020

PAULO VI. Conclusão do Concílio Vaticano II. *Mensagem às mulheres*, 8 dez. 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-donne.html>. Acesso em: 07 fev. 2020.

_____. *Exortação Apostólica Marialis Cultus*. São Paulo: Paulinas, 1974.

PEW RESEARCH CENTER. *Religion in latin america*. Disponível em: <<https://www.pewforum.org/2014/11/13/religion-in-latin-america>>. Acesso em: 04 fev. 2020.

UN WOMEN. *Facts and figures: Ending violence against women*. Disponível em: <<https://www.unwomen.org/es/what-we-do/ending-violence-againstwomen/factsandfigures#notes>>. Acesso em: 04 fev. 2020.